

CONCERTO EM RÉ MENOR, PARA PIANO E ORQUESTRA, DE MOZART, K 466

João Pedro Garcia*

Ré menor. A tonalidade da inquietação, da tristeza, da angústia. O “Requiem” de Mozart é em ré menor tal como o é a “Nona” de Beethoven – mas esta acaba de maneira bem diferente. O “Concerto número 20” foi o primeiro dos dois que Mozart compôs em modo menor – o outro foi o “número 24” em dó, K.491, igualmente grandioso. Grandioso como o “Concerto número 1, opus 15” de Brahms (em ré menor...) e que também poderia ter servido de inspiração ao poema de Jorge de Sena.

O “Concerto em ré menor K 466” é considerado o primeiro concerto romântico. Foi composto em 1785, ano fulcral na vida de Mozart, pois nele terminou o ciclo de quartetos dedicados a Haydn e iniciou a composição das “Bodas de Figaro”, ópera estreada no ano seguinte – a revolução estava à vista e não apenas na política. Revolucionário, precursor dos concertos de Beethoven e tão admirado por este (que até compôs cadências para o primeiro e terceiro andamento), o “ré menor” vai muito além dos dois primeiros concertos do Mestre de Bonn, na invenção e na profundidade.

Concerto romântico e assim visto pelo Romantismo. Durante todo o século XIX, praticamente não se tocou outro concerto de Mozart, apesar de todos terem sido editados em 1850. No início do século seguinte, Schnabel, Fischer, Gieseking, Kempff e até Landowska (cravista de génio numa das suas raras incursões pelo piano), alargaram o leque dos concertos executados em público, muito ajudados pelo nascimento do disco.

Algumas décadas mais tarde, em 1956, para o bicentenário do nascimento de Mozart, chegamos à gravação em que Jorge de Sena se baseou para o seu poema. Clara Haskil, Sinfónica de Viena, Bernhard Paumgartner – o professor de Karajan, que lhe recomendou o abandono do piano em favor da

direcção de orquestra – e deparamo-nos imediatamente com um paradoxo: o concerto é romântico, o poema de Sena eventualmente também, mas a interpretação (maravilhosa, que tenho há muito em casa) é de um classicismo rigoroso. Parece que voltámos ao século XVIII. Tudo no seu lugar, sem arrebatamentos nem exageros. Se já assim Sena ali ouviu morte e desgraça, como teria sido se, em vez de Haskil, se houvesse baseado num dos pianistas mencionados acima, ou em Sviatoslav Richter (que, aliás, utilizou na sua gravação polaca, de 1958, a cadência que Beethoven escreveu para o primeiro andamento)?

Na curta nota a este poema, em que igualmente nos revela qual a gravação ouvida, Jorge de Sena tocou num ponto de extrema importância para a historiografia dos concertos de Mozart. A vantagem da utilização do piano em relação ao pianoforte, permitindo que estas obras “se libertassem da forma convencional em favor de uma interpretação mais profunda”. É uma questão agora polémica, que ainda não se punha com intensidade no início dos anos sessenta, quando Sena compôs esses versos. Com as chamadas “interpretações historicamente informadas” assiste-se hoje ao regresso dos instrumentos, solistas ou da orquestra, utilizados na época de Mozart. O resultado é, a meu ver, mitigado. Estou com Sena na preferência pelo piano.

O “Concerto em ré menor” foi a primeira obra de Mozart que me lembro de ter ouvido, num disco de 33 rotações que havia em casa de meus pais. Só ao ler o poema de Jorge de Sena, muitas décadas mais tarde, encontrei as palavras certas para definir aquilo que na juventude logo me atraiu: a “doçura tensa tão dialogada” que percorre a obra. O diálogo próprio do concerto mas raramente levado tão longe e tão fundo como aqui.

Mais doçura e elegância do que tensão, aliás. No primeiro andamento, o diálogo segue fluido, sempre baseado nos inquietantes e inovadores acordes iniciais. No segundo, intitulado romance, premonitória alusão ao século seguinte, a gentileza mantém-se até à agitada secção central.

A meu ver, é aqui que encontramos o significado do poema de Sena, revelado nos seus últimos versos. Lá está “o triunfo de um rigor disperso / em salpicado som orfão de afecto, / morto do amor em que flutua imerso”. A oposição nas palavras junta-se à oposição nas notas de música.

O concerto/diálogo, porém, regressa a águas mais calmas e assim prossegue até ao fim. Concerto romântico sem dúvida, de um romantismo “tranquilo, insólito e discreto”, como aliás Jorge de Sena também, e tão bem, escreveu.

Lisboa, 1 de Abril de 2019

* Foi diplomata (1983-1992) e director da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa (Serviço Internacional – 1992-2012) e em Paris (Delegação em França – 2004-2011). É sócio-benemérito do Real Gabinete Português de Leitura.